

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 22 | Nº 66 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.15760043>



QUE CORPO É ESSE? ESTUDO INTERSECCIONAL SOBRE A CORPOREIDADE DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

Jamyllle Adrienne de Lima Silva¹

Claudimara Chisté Santos²

José Elimário Cardozo da Silveira³

Resumo

O envelhecimento, a raça e o gênero são marcadores históricos, sociais, culturais e psicológicos ancorados nos aspectos biológicos. O corpo, enquanto imagem criada a partir da linguagem e atravessado pela interseccionalidade dessas múltiplas dimensões, ganha papel central no presente estudo, à medida em que o objetivo foi analisar vivências, desejos e transmissão cultural sobre a corporeidade de mulheres idosas que se identificam como negras. O método utilizado foi qualitativo, através de uma pesquisa-intervenção com seis participantes. Elas contribuíram com entrevistas em profundidade de forma individual, e, posteriormente, fizeram quatro oficinas grupais. Os dados coletados foram examinados a partir do método da Análise do Discurso francesa. Os relatos apresentaram vivências de violência e opressões de classe, gênero, raça e idade, além de um silenciamento ou mascaramento em relação à nomeação da raça negra encontrada nos discursos. O histórico de abuso praticado pelos homens com suas famílias compareceu nos relatos, assim como a pobreza extrema, a apropriação de seus corpos e até a escravização vivenciada por uma delas. Apesar disso, elas afirmaram que na velhice experimentaram uma realidade um pouco mais branda, devido à renda vinda da aposentadoria, ao amor dos filhos e dos netos e a um pouco mais de liberdade para fazer e ser o que quisessem.

Palavras-chave: Envelhecimento; Gênero; Interseccionalidade; Imagem Corporal; Raça; Saúde Mental.

Abstract

Aging, race, and gender are historical, social, cultural, and psychological markers anchored in biological aspects. The body, understood as an image created through language and shaped by the intersectionality of these multiple dimensions, is central to this study. The objective is to analyze the experiences, desires, and cultural transmission related to the embodiment of elderly women who identify as Black. A qualitative, research-intervention method was employed with six participants. They contributed through individual in-depth interviews, followed by four group workshops. The collected data were examined using French Discourse Analysis. The narratives revealed experiences of violence and oppression based on class, gender, race, and age, alongside a silencing or masking of Black racial identity within their discourses. A history of abuse by men against their families, extreme poverty, the appropriation of their bodies, and even enslavement experienced by one participant emerged from the accounts. Despite these hardships, the participants affirmed that in their later years, they experienced a somewhat improved reality, attributed to retirement income, the love of their children and grandchildren, and greater freedom to be and act as they wished.

Keywords: Aging; Body Image; Gender Identity; Intersectional Framework; Mental Health; Racial Groups.

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: jamylllealsilva@gmail.com

² Professora da Universidade de Pernambuco (UPE). Doutora em Psicologia. E-mail: claudimara.chiste@upe.br

³ Mestrando em Psicologia pela Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: elimariocardozo@gmail.com



INTRODUÇÃO

A investigação aqui apresentada parte da interseccionalidade entre raça, gênero e envelhecimento. Três recortes que, se fossem considerados isoladamente, já poderiam denotar possibilidades de vulnerabilidade. No caso de estarem entrelaçados em uma única existência, podem fragilizá-la ainda mais.

Este estudo lança um olhar para mulheres que são negras e idosas, tendo como objetivo analisar vivências, desejos e transmissão cultural sobre a corporeidade de mulheres idosas que se identificam como negras. Com base na Psicanálise, partiu-se da premissa de cada uma delas é atravessada pela linguagem, pela imagem corporal, pelas escolhas e pelas relações com marcas que são, concomitantemente, construídas socialmente e modificadas ou mantidas nas vivências cotidianas.

Alcançar informações que dessem conta deste problema de pesquisa só foi possível devido ao protagonismo das seis participantes-colaboradoras idosas e negras. A pesquisa-intervenção, método utilizado, de caráter qualitativo, parte do princípio de que é na relação pesquisadora-colaboradoras que se pode encontrar os discursos, compartilhá-los e, enquanto a pesquisa acontece, as participantes têm a oportunidade de refletir sobre suas próprias vidas e histórias.

Este método de pesquisa possibilita que os acontecimentos em campo tenham mais importância do que um planejamento prévio e estruturado. Por isso, a filha de uma das participantes-colaboradoras acabou tendo uma participação inesperada e suas informações foram consideradas nos resultados e na discussão. O aprofundamento da escuta e das trocas aconteceram em oficinas, descritas na seção “Método”. A Análise do Discurso francesa foi utilizada para analisar os discursos compartilhados, uma vez que esta epistemologia coaduna-se com a Psicanálise.

O texto foi organizado de modo a discutir sobre uma revisão de literatura, tanto sobre as tendências atuais dos estudos na área, quanto ao aprofundamento dos conceitos clássicos das três dimensões - raça, gênero e envelhecimento. Em seguida, o método, suas nuances e procedimentos foram apresentados. O balizamento teórico segue durante o restante do texto, embasando os resultados e a discussão.

TENDÊNCIAS ATUAIS NA INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO, RAÇA E ENVELHESCÊNCIA

Uma revisão da literatura foi realizada com o objetivo de identificar tendências e resultados de pesquisas com dados primários acerca da corporeidade no envelhecimento de mulheres negras. Foram utilizadas as bases BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e PubMed, empregando os descritores “aging” and “black women” and “sexuality”, com filtros para textos completos em português, inglês e espanhol



publicados entre 2020 e 2025. Na BVS foram encontradas apenas duas investigações, uma delas sobre um estudo de caso com um homem e, a outra, sobre menopausa nas mulheres. Na segunda base de dados, foram encontrados 35 estudos. Os resultados demonstram que, embora exista um crescente interesse internacional sobre os marcadores de gênero, raça e envelhecimento, há uma notável escassez de pesquisas que articulem essas três dimensões de forma interseccional. Observa-se que a maioria dos trabalhos se detém em aspectos do envelhecimento de mulheres negras, sem aprofundar a discussão sobre corpo e sexualidade, ou, inversamente, explora essas temáticas em populações que não enfatizam a variável racial. Muitos estudos incluem mulheres negras nas amostras, porém o foco central recai sobre temas como HIV, acesso ao cuidado oncológico, saúde mental e envelhecimento bem-sucedido, carecendo de análises mais robustas sobre como gênero, raça e corporeidade se entrecruzam na envelhescência.

Complementando a busca inicial, empregou-se uma segunda estratégia combinando os descritores “aging” and “black women” and “body”. Nessa abordagem, observou-se ainda maior limitação de resultados (três na BVS e dois na PubMed). Os dois estudos encontrados tratam predominantemente de condições clínicas, como obesidade e diabetes, frequentemente com análise agregada por gênero ou raça, mas sem aprofundamentos nessas questões. Identificou-se que, mesmo quando mulheres negras estavam presentes nas amostras, as análises raramente abordavam as singularidades da experiência corporal na velhice e, menos ainda, discutiam questões de identidade, sexualidade ou subjetividade associadas ao envelhecimento desse grupo. No cenário latino-americano, encontrou-se uma contribuição relevante na investigação de Galvis (2024) com mulheres afrodescendentes na Colômbia, que aponta a centralidade da ancestralidade e da coletividade enquanto dimensões protetivas frente às adversidades do envelhecimento.

A terceira estratégia de busca, articulando os termos “aging” and “black women” and “racism”, não encontrou resultados na PubMed. Os três estudos encontrados na BVS, entretanto, trouxeram resultados mais alinhados à proposta interseccional. Destaca-se o estudo de Plácido *et al.* (2023), que analisou dados do ELSI-Brazil e identificou associação entre raça/cor e gênero, demonstrando que mulheres idosas pretas e pardas apresentaram risco aumentado de pior desempenho físico e cognitivo, além de maior prevalência de sintomas depressivos. Outra referência relevante é o trabalho de Santos *et al.* (2021), que discute oficinas terapêuticas com mulheres idosas sob o recorte de gênero, raça e classe, trazendo elementos qualitativos sobre o impacto do racismo estrutural e das desigualdades sociais na vivência do envelhecimento e na constituição da corporeidade. Porém, mesmo nessas pesquisas, permanece a necessidade de estudos que articulem de modo mais aprofundado o entrelaçamento dos marcadores raça, gênero, envelhecimento e corpo, com análises situadas sobre sexualidade, imagem corporal e experiências subjetivas em diferentes contextos socioculturais.

Com o objetivo de encontrar discussões acerca do tema, uma revisão de literatura foi encontrada



em Silva *et al.* (2024) sobre o tema. Os autores chegaram às mesmas conclusões, ou seja, há um incremento em relação a estudos sobre envelhecimento, mas a interseccionalidade acontece de modo superficial, sem ênfase na área de Psicologia.

Em síntese, as tendências atuais revelam um avanço no reconhecimento internacional da importância da interseccionalidade para compreender a velhice de mulheres negras, porém destacam o desafio persistente de integrar, de maneira sistemática, gênero, raça e envelhecimento.

CONCEITUAÇÕES CLÁSSICAS SOBRE O CORPO E SEUS ATRAVESSAMENTOS

Esta pesquisa é parte da dissertação de mestrado de uma mulher jovem, negra, psicóloga e pesquisadora de relações étnico-raciais. Esta investigação assume premissas de teóricas interseccionais (COLLINS, 2016; COLLINS; BILGE, 2020; HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019), entendendo que as opressões não atuam isoladamente, nem podem ser compreendidas como uma somatória de fatores, mas produzem formas únicas de subjugação, com efeitos em todos os aspectos da vida. As marcas das vivências se instalam no corpo, mas não são de ordem biológica; são sociais, históricas e linguageiras. Todas elas nasceram a partir de construções sociopolíticas e culturais e se mantêm com a função de conceder poder a uns e retirar de outros.

Assim, a partir de um alinhamento com Collins e Bilge (2020), pretendemos fornecer um estudo que aborda simultaneamente gênero, raça e envelhecimento, de modo a produzir dados que ampliem o olhar sobre a heterogeneidade de mulheres idosas, bem como discutir as reverberações de múltiplas opressões na constituição da corporeidade da mulher negra.

Kilomba (2019) defende que as mulheres negras sofrem uma forma específica de opressão, visto que estão submetidas à raça e ao gênero, no entanto, isso não ocorre a partir de um processo de sobreposição, mas de intersecção que produzirá efeitos machistas e racistas, não do modo que o machismo se dá com mulheres brancas, nem da forma como o racismo se dá com homens negros. A autora afirma que o lugar que as mulheres negras ocupam é crítico, visto que no debate sobre gênero, a raça é ignorada e vice-versa. Por isso, para pensar a questão dessas pessoas é preciso levar em conta as duas categorias. Já Carneiro (2017) nos diz que a mulher negra é a síntese das opressões de gênero e de raça, o que gera o que ela chama de “asfixia social”. Ao burlar uma das dimensões, sempre vem a outra e coloca outro impedimento.

O etarismo é uma opressão mais recente. Ele nasce por volta do século XIX, junto com a própria ideia de “envelhecimento” (HAREVEN, 2015), a partir das novas necessidades socioeconômicas dos Estados, dentre elas a de calcular os custos dos cuidados e a força de trabalho dos cidadãos. Os ideais



capitalistas de lucro e produtividade criaram um discurso de que as pessoas idosas são dispensáveis, pois não são mais tão úteis ao sistema. Essa ideia tem sido combatida nas últimas décadas, mas a partir de uma visão homogênea da velhice, que desconsidera as questões de classe, raça e gênero.

Assim, pouco se pensa e se debate, por exemplo, sobre as pessoas pretas que estão envelhecendo (DEBERT, 1999; HAREVEN, 2015; SANTOS; LOPES; NERI, 2007; SOUSA *et al.*, 2014; RABELO, ROCHA, 2020; TAVARES, 2020; SANTOS; SILVA, 2024). Foi a partir dessas premissas que produzimos uma pesquisa que se voltou para mulheres negras e idosas, com o objetivo de trazer para o meio acadêmico uma perspectiva que incluísse seu envelhecimento.

Diante disso, nasce o desejo de responder à pergunta: como mulheres negras e idosas se relacionam com o próprio corpo e com o corpo do Outro? Além deste questionamento, também colocamos como objetivo construir junto com as participantes-colaboradoras formas de se relacionar com esse corpo, apesar dos processos de opressão que incidem sobre ele.

As muitas perspectivas sobre o corpo possibilitam leituras diferentes e exigiram escolhas epistemológicas, como por exemplo o conceito de indisciplina de Rodrigues (1999, p. 12) que, ao falar de sua própria pesquisa sobre o corpo, nos mostra um caminho de “...irreverência contra a propriedade privada de campos teóricos e empíricos; insolência contra a canonização de métodos”. Com isso, não queremos desrespeitar as diferentes áreas ou mesmo fugir ao rigor teórico, mas abordar “o corpo” de modo multifacetado.

No campo da filosofia, Spinoza (2020) critica Descartes, pois entende que o corpo e a mente estão em relação proporcional, ou seja, há algo de indissociável nessas duas esferas. É com essa posição que o presente texto se afina, por isso é preciso pontuar como entendemos a constituição deste corpo.

Lacan (2005, p. 18) defende que “as pulsões são o eco no corpo do fato de que há um dizer”. O corpo é, portanto, um lugar composto por significante, ganha unidade a partir de uma alienação em relação àqueles que constituem o espaço (imaginário e simbólico) em torno dele, sendo marcado por isso. Se pensarmos que as diferenciações de gênero e raça estão presentes desde antes do nascimento do bebê e que balizam as relações sociais (MUNANGA, 2024), chegamos à conclusão de que um corpo é constituído também a partir de marcadores sociais.

Desta feita, acompanhamos Silva (2022, p. 2) ao pensarmos o corpo a partir da raça. Ela nos diz que

[...] a Oralidade e a CorpOralidade são o nosso regime ancestral de organização de imaginário e memória, e posto assim, a multiplicação em coletivo nos é fundamental. [...] A categoria Corpo, desde o sequestro de africanos aos dias atuais, é a imagem X de disputa com o Poder: - corpo desprovido de alma, logo, não humano; - corpo objeto, logo, escravizável; - corpo produto, logo mercantilizável; - corpo propriedade, logo passível do desejo e disposição do possuidor; - corpo abjeto, logo passível de ser exterminado por agentes do Estado.



Ao introduzir o conceito de CorpOralidade a autora ressalta o entrelaçando entre corporeidade e linguagem falada, herança africana do povo negro. Portanto, pensar o corpo de mulheres idosas negras só é possível a partir de um olhar para a raça enquanto agente de subjetividades. Nesse sentido, Souza (2021) nos ensina que ser negro é um processo psíquico e político e que para ter um corpo é preciso inventá-lo.

De modo semelhante, Nogueira (1998, p. 22) afirma que “o significante ‘cor negra’ está inserido de modo evidente num arranjo semântico, político, econômico e histórico” e, ainda, que os significantes quanto à raça estão sempre a marcar uma diferença entre as pessoas, de modo que o próprio termo “raça” opera essa função de diferenciação.

Nesse sentido, a falta de um significante que corresponda à raça também produz efeitos, uma vez que “[...] um significante é o que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito. Ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada” (S1 e S2; LACAN, 1998, p. 833). Em um país como o Brasil, em que a ideologia do branqueamento é constantemente presente, é comum que pessoas negras não consigam se ver como tal, ainda que sofram por serem socialmente lidas assim. Essas ideias condizem com Fanon (2008, p. 104) que nos fala que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa”. Assim, poderíamos dizer também que o significante “negro” muitas vezes ocupa o lugar da falta e que a incisão dele pode produzir um rearranjo em toda uma cadeia discursiva.

Nogueira (1998; 2021) aprofunda esta questão ao dizer que o inconsciente tem cor, se referindo à instância, não ao registro significante. Do mesmo modo podemos dizer, considerando vários autores (FANON, 2008; GUIMARÃES, 1999; LACAN, 1998; NOGUEIRA, 2007) que ele, o inconsciente, é constituído também a partir de significantes que incluem questões de gênero e etárias, uma vez que ele é efeito de linguagem e que esta não dispensa esses marcadores sociais. O inconsciente tem cor, gênero e idade, porque, no campo da linguagem, o corpo também as tem. Corpo este que é constituído a partir de uma relação especular com o olhar do Outro. De modo geral, neste trabalho compreendemos o corpo como imagem corporal, constituída e atualizada na relação com as outras pessoas, simbolizado a partir das relações sociopolíticas e, portanto, influenciado diretamente pelos diferentes discursos ao longo da história.

A exemplo da relação indissociável entre corpo, subjetividade e condições sociopolíticas temos o estudo de Plácido *et al.* (2023), que analisaram a relação entre raça, idade e sexo quanto à Capacidade Intrínseca, que abrange cinco domínios principais: cognitivo; vitalidade; habilidades psicossociais, sensoriais e locomotoras. Os autores observaram que as participantes mulheres pretas e pardas tiveram



quase três vezes mais chance de apresentar Capacidade Intrínseca pior do que os homens brancos, além de demonstrarem um risco maior a sintomas depressivos e pontuações de fluência verbal mais baixas. Os dados por eles apresentados e discutidos demonstram os efeitos negativos das desigualdades sociais sobre variados aspectos da vida de mulheres negras. Nas pesquisas de Moura *et al.* (2023) e Sousa, Lima e Barros (2021) as pessoas idosas pretas e pardas também apresentaram piores situações socioeconômicas e condições de saúde e de bem-estar.

Diversos estudos nos mostram que no Brasil o machismo e o racismo estão com frequência atrelados à pobreza e juntos produzem danos em diversos âmbitos das vidas das mulheres negras, como educação, saúde, trabalho, lazer e segurança, bem como em suas subjetividades (HELENE, 2019; MIRANDA, 2016; OLIVEIRA; KUBIAK, 2019). Quanto ao preconceito contra pessoas idosas, sabemos que ele está associado a outros processos de opressão e desigualdades sociais, pois a articulação das diferenças em vários âmbitos - étnicos, raciais, econômicos, educacionais e etários - gera uma exclusão tão intensa que impede que enxerguemos todos os direitos negados (SANTOS; LOPES; NERI, 2007). Portanto, a interseccionalidade enquanto chave de leitura é crucial para compreendermos melhor quaisquer fenômenos sociais que incidam sobre a vida de mulheres negras e idosas.

Por fim, ao retomarmos os processos sociohistóricos já apresentados, que colocam as pessoas pretas e pardas em um lugar de subalternidade, podemos concluir com Braga e Rosa (2018), quando elas nos ensinam que, entre o processo de identificação e de desidentificação, há uma oscilação que permite encontrar o que é singular no sujeito, sem desconsiderar as construções coletivas. A partir desta ideia surge a potência das intervenções, as possibilidades de construção e ampliação de frestas, atuando na perspectiva da promoção de saúde mental de mulheres negras e idosas. Barbosa, Rabelo e Fernandes-Eloi (2020) olham para as potências das mulheres negras e idosas a fim de subverter a lógica racista que está sempre a dar ênfase ao que falta à esta população, ignorando que estratégias de sobrevivência e convivência social foram e estão sempre sendo construídas por elas. Esta é a perspectiva adotada nesta pesquisa; pois encontramos, mesmo que a partir de convites aleatórios, mulheres que têm muito a ensinar ao pensamento branco, academicista e colonial.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa conduzida a partir da metodologia da pesquisa-intervenção (EL JUNDI, 2025; GHISLENE; COSTA, 2024; PASSOS; BARROS, 2015), que compreende o ato de investigar como indissociável do ato de intervir, assumindo a presença de um jogo de forças compostas por desejos, crenças, valores e interesses. Partimos do princípio de que a experiência no campo orienta a



construção do saber, invertendo a lógica tradicional de saber-fazer para de fazer-saber. Assim, a produção de conhecimento ocorre de forma colaborativa entre pesquisadoras e participantes, consideradas coautoras do processo. O referencial teórico funciona como base inicial, mas é constantemente ressignificado diante das vivências no campo. Pois como nos ensina Fanon (2008, p. 86) ao “apalpar a miséria do negro. Táctil e afetivamente. Não quis ser objetivo. Aliás, não é bem isso: melhor seria dizer que não me foi possível ser objetivo”. Assim, esta pesquisa assume a impossibilidade de neutralidade, reconhecendo a implicação subjetiva da pesquisadora e de todos os envolvidos como parte constitutiva do conhecimento produzido.

O estudo foi desenvolvido em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado em uma cidade do agreste de Pernambuco. Participaram seis idosas e essa quantidade foi escolhida considerando a necessidade de oferecer atenção singular a cada uma. Além disso, os critérios estabelecidos para inclusão foram mulheres atendidas pela instituição, acima de 60 anos e que se identificassem como pretas ou pardas - essas informações foram coletadas por meio de um questionário fechado, que indagava sobre sexo, data de nascimento e autodeclaração racial. Não foram encontradas participantes-colaboradoras suficientes para serem realizados dois grupos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o CAEE de número 42904720.9.0000.012. Ele previa a participação das filhas e de suas mães. O encontro entre elas não se mostrou viável, mas uma delas, como mencionado na introdução, permitiu uma conversa na calçada da residência de uma participante e, estando previsto e autorizado pelo CEP, pôde acontecer e compor a produção dos dados.

As seis mulheres que se dispuseram a contribuir com a pesquisa estavam com idades entre 61 e 81 anos, sendo duas autodeclaradas pretas, duas pardas e duas morenas - apesar desta última categoria não existir no questionário e não ter sido cogitada no projeto da pesquisa, resolvemos manter o que falaram sobre elas mesmas e analisaremos esse fenômeno adiante, no subtópico “Eu Gosto da Cor Morena” e “Dizer que é negra [...] tá rebaixando a pessoa”. Nos procedimentos, elas responderam inicialmente a um questionário com seus dados gerais. O preenchimento foi realizado individualmente, por uma das pesquisadoras, a partir de uma conversa.

Em um segundo momento, neste mesmo primeiro contato, foi realizada uma entrevista em profundidade (DUARTE, 2009). O terceiro momento foi composto pelas oficinas. As mulheres participaram em grupo de um conjunto de quatro oficinas que trataram dos temas (1) relação mãe-filha, (2) envelhecimento, (3) sexualidade e (4) negritude. Esses momentos foram gravados em áudio e vídeo, com o consentimento das participantes-colaboradoras, e, posteriormente, transcritas para que a análise pudesse ser realizada. Para manter o sigilo, demos nomes de fenômenos da natureza a cada uma delas. Na Tabela 1 pode-se observar seus nomes e as oficinas das quais cada uma participou.



Tabela 1 - Relação das oficinas em que cada mulher participou

Participantes-colaboradoras	Relação Mãe e Filha	Envelhecimento	Corporeidade	Raça e Gênero
Movimento	X	X	X	X
Mata		X	X	X
Vento	X			
Terra	X	X	X	X
Cachoeira		X	X	
Barro		X	X	X

Fonte: Elaboração própria.

Para fornecer uma visão mais ampla de como os dados foram produzidos junto a elas, elencaremos os temas de cada oficina. Como é típico da pesquisa-intervenção, não há uma separação nítida entre os procedimentos metodológicos e os resultados, uma vez que a produção dos dados é conjunta:

(1) Oficina 1 – Relação Mãe e Filha. Iniciamos o grupo com uma breve conversa e apresentação de cada uma das participantes-colaboradoras. Em seguida, fizemos alguns acordos de convivência, tais como respeitar umas às outras, manter sigilo do que as outras mulheres falassem e conversar sempre que algo não as agradasse. Após o acolhimento inicial, o grupo foi convidado a refletir a partir das perguntas: “O que eu aprendi com a minha mãe sobre corpo?” “O que eu ensinei à minha filha sobre corpo?”.

(2) Oficina 2 – Envelhecimento. No segundo encontro levamos palitos com três carinhas desenhadas – uma sorrindo, a outra com um traço reto, simbolizando a boca e a outra com um risco em posição oposta a um sorriso, podendo expressar tristeza ou alguma sensação desagradável. Pedimos que cada uma delas mostrasse como estava se sentindo naquele momento, para em seguida podermos iniciar a conversa sobre a semana anterior. Após alguns relatos sobre visitas a familiares e dias difíceis por causa das dores, prosseguimos para o tópico principal da discussão. Foram entregues três recortes das silhuetas de corpos, uma caneta azul e outra vermelha para cada mulher, então pedimos que marcassem onde estava o prazer (azul) e a dor (vermelho) em seus corpos. Por fim, entregamos três rosas – uma viçosa, outra murcha e outra bem decomposta – e fomos conversando sobre cada etapa da vida. Usando uma das rosas como disparador, demos o seguinte direcionamento: “qual rosa você escolheria para representar sua infância?”. Pedimos que cada uma respondesse e nos explicasse sua escolha; depois repetimos o processo com a adolescência, adultez e velhice.

(3) Oficina 3 – Corporeidade. Iniciamos perguntando qual havia sido as respostas das filhas, mas nenhuma delas lembrou de perguntar. No entanto, dado o vínculo já bem estabelecido foi possível mais de 50 minutos de conversa sem a necessidade de atividade disparadora. Como pensamos os recursos apenas como meios para produzir discurso e compartilhamentos, uma vez que não foram necessários, o decorrer da oficina se deu de acordo com o movimento grupal.



(4) Oficina 4 - Raça e Gênero. Como sempre, iniciamos perguntando como elas estavam, o que desencadeou uma conversa sobre medicações, problemas familiares e dores no corpo, o que durou alguns minutos. Depois dessa conversa colocamos uma playlist de Côco - ritmo nordestino - elas se balançaram sentadas nas cadeiras e falaram sobre os forrós que frequentavam quando jovens. Após este aquecimento, foram mostradas o que elas denominaram de “bonequinhos”, como consta na Figura 1. As mulheres de papel imitavam uma brincadeira infantil, típica em vários lugares do Brasil, especialmente entre as décadas de 1970 e 1980, em que havia um corpo de papelão e todos os acessórios eram avulsos. A criança então escolhia como vestir a boneca. As mulheres colaboradoras desta pesquisa se identificaram com a brincadeira, mas a diferença é que cada uma tinha a sua disposição não exatamente roupas, mas traços fenotípicos, com tons de pele diferentes, além de cabelos loiros, castanhos, pretos, crespos, lisos, cacheados e pretos, além das roupas. Este recurso foi apresentado detalhadamente no trabalho de Silva (SILVA *et al.*, 2022).

Este foi o último encontro, seguido do encerramento, agradecimentos e retornos sobre os momentos vivenciados. Por fim, as entrevistas e as oficinas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas.

A Análise do Discurso (AD), conforme Orlandi (1996), utilizada para organizar a produção dos discursos transcritos, é um método que não pressupõe uma investigação do que estaria “por trás” do texto; também não se restringe à interpretação, pois trabalha os limites e mecanismos dela como parte do processo de significação. Assim, a perspectiva discursiva se interessa por três dimensões, o sujeito, a história e a linguagem, visto que para além das palavras há um sentido e só a partir dele se pode dizer que há uma linguagem, de maneira que “na perspectiva discursiva a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 1996, p.25).

Portanto, a AD vai se propor a analisar os discursos enquanto expressão do inconsciente e da ideologia, que não diz apenas do sujeito que fala, mas também de toda a história que o permitiu realizar aquela fala. Esse método se alinha à pesquisa-intervenção na medida em que ambos não buscam revelar algo que estaria escondido no discurso ou na vivência das participantes, mas procura evidências no discurso compartilhado. Assim, no campo, a pesquisa-intervenção permitiu a produção e a resignificação de sentidos, e, posteriormente, a AD proporcionou a análise desses processos através dos discursos emergidos. Esses dados serão apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dividimos este tópico em duas etapas: a primeira será o delineamento do perfil das mulheres e a segunda, a análise de algumas sequências discursivas retiradas da gravação das oficinas.



Perfil das participantes-colaboradoras: narrando complexas histórias de vida

Para que as leitoras e os leitores possam vislumbrar uma imagem dessas mulheres, em parte, ofertada por elas mesmas, colocamos abaixo as figuras montadas por elas na última oficina, que tratava sobre corpo e raça. Vento e Cachoeira não compareceram a esse encontro, por isso não temos “bonequinhos” delas. Já Mata, pediu para montar duas bonecas, como pode ser visto na Figura 1. Em seguida, apresentamos um breve apanhado da história de cada uma das participantes-colaboradoras a partir da nossa experiência de acompanhá-las ao longo das entrevistas e oficinas.

Figura 1 – Representações Criadas pelas participantes-colaboradoras, respectivamente: Movimento, Mata (1), Mata (2), Terra e Barro



Fonte: Elaboração própria.

Movimento

Movimento tem 61 anos, autodeclarada “morena clara cor de canela”, mãe de duas filhas, não alfabetizada, mas assina seu nome. Teve o primeiro namoro aos 25 anos, casou aos 31. Em uma primeira gravidez sofreu um aborto, a segunda filha morreu aos oito dias de vida, depois teve mais duas filhas. Quando perguntamos quantos filhos ela teve, ouvimos esta fala que nos mostra que o sentido de maternidade também se estende para essas perdas precoces: “eu só crio duas, que o primeiro foi um aborto, a segunda morreu com oito dias, aí depois eu tive essas duas”.



Trabalhou por 12 anos em “casa de família”, parando quando casou. O ex-marido a traía, inclusive levava amantes para a casa deles, situação que acabava em Movimento expulsando-os com gritos e golpes de cabo de vassoura. Por fim, o ex-cônjuge a deixou e foi morar com uma dessas mulheres. Depois disso ela não teve mais nenhum namorado, diz ter medo de se machucar novamente.

É, não arrumei mais ninguém não, que eu tenho medo...de sofrer de novo e arrumar um homem cachaceiro, muito namorado que é muito ruim, aí eu tenho medo, mas não arrumei não, ninguém, aí tô só até hoje.

Apesar disso, Movimento demonstrou ser uma mulher extrovertida, estava sempre rindo alto, fazendo gracejos e pedindo que as outras não levassem em conta os sofrimentos da vida. Parece ser sua forma de enfrentar todas as dificuldades pelas quais passou e ainda passa, seguindo seu caminho. As duas filhas já adultas e mães têm seus próprios relacionamentos e para Movimento sobra o caminho nunca antes percorrido, e o corpo sempre em movimento de busca.

Mata

Ela tem 63 anos, três filhos e é a única do grupo que teve um trabalho formal; de todas elas a que foi mais longe nos estudos; é técnica em enfermagem pelo Programa de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Saúde (PROFAE). Ela nos diz: “Eu fiz até a quinta série, depois eu fiz o Profae, já em 2002. Porque na época a gente não precisava... a gente que trabalhava não precisava ter concurso, não precisava... os analfabetos já entravam e iam trabalhar”.

Casou-se aos 16 anos com um homem de 24, sofreu com seu alcoolismo e violência, bem como com sua morte. Após a viuvez encontrou um companheiro e o diferencia marcadamente do primeiro quando diz “Porque ele é meu companheiro, ele não é meu esposo mesmo, não”. Afirma ter sentido mais prazer com o primeiro marido, queixa-se da idade e se apoia no seu saber laboral para justificar a falta de interesse sexual: “quando a gente tá em certa idade não tem mais esse prazer. Prazer é pra quem é novo... enquanto a mulher menstrua tem prazer e sexo. Mas quando a gente fica velha nem presta mais”. Ao perguntarmos por quê, responde: “A gente sente dor, a gente... as dores tira a vontade”. Bastante religiosa, pediu pra iniciar uma das oficinas rezando, a religião é seu modo de suportar as dores.

O conforto da gente é Jesus Cristo nas nossas vidas. Porque se não fosse Deus... Se não fosse Deus e a mãe de Deus que intercede por nós, nós não era nada. Olhe, eu faz uns quatro anos que eu tô doente, eu já vivia doente assim, eu trabalhava muito, aí no final da vida a gente termina doente. Eu tenho diabetes, colesterol, tenho triglicérides, tenho problema que essa mão que eu tenho que operar, que ainda não fui me operar por conta dessa pandemia. E assim, tem dia que a gente amanhece muito decaído mesmo, só que a gente tem que se entregar a Deus e pedir força



pra que ele nos levante. Todos os dias a gente tem que pedir a Deus. No anoitecer a gente tem que se entregar a Deus, no anoitecer muito mais.

Nesta fala, Mata nos traz os danos que o histórico de muito trabalho provocou e apresenta Deus como uma força “no final da vida” (sic). Quanto à “bonequinha” não contentou-se com uma só roupa e montou dois *looks*. Interessante pensarmos o poder dessa representação, na qual um “simples” desenho ganha outra dimensão quando passa a simbolizar o ideal de uma pessoa para ela mesma e, nesse caso, a possibilidade de ter várias roupas, o que não era possível na infância.

Vento

Vento se declara preta, tem 65 anos. Teve uma única filha, que foi assassinada, e materna a neta, que ficou sob sua responsabilidade. Vento, como o nome suscita, participou brevemente da nossa pesquisa, apenas uma oficina, pois sempre tinha outras coisas para fazer: “eu não posso vir mesmo, que era pra eu lavar roupa hoje. Mas amanhã vai embora a água, aí tenho que lavar, né?”.

No encontro do qual participou, uma das atividades propostas consistia em escolher uma foto retirada da internet que representasse a sua relação com a sua filha, quando perguntou: “Isso daqui só vale para filho ou [também serve] para neta?”. Este questionamento denota uma relação maternal com a neta, apesar de no geral não se referir a ela com a palavra “filha”.

Em sua breve passagem deixa algo de único neste grupo: materna a neta enquanto lamenta a morte da filha. Uma hipótese é que não tenha sido possível para ela participar dos outros encontros, uma vez que esse tema é bastante sensível para uma mãe que perdeu uma filha muito jovem. Algumas vezes não é possível parar para elaborar o sofrimento, outras prefere-se não tocar no assunto. Vento quase não chora, mas a dor não esconde.

Muita saudade. Que era a única filha que eu tinha, primeira e única. Aí pronto, a saudade é muita, muita mesma. Mas fazer o que, né? Deus quis. Deus quis não, o cara que matou, né? Não sei se com permissão de Deus, se foi ela que procurou. Já eu não sei entender. Mas é como Deus quer, né? Tem que aceitar.

Condena as escolhas da filha, o envolvimento com “coisa errada” e o alcoolismo; previu a desgraça, amarga não ter podido evitá-la e segue, porque tem roupa pra lavar, vizinhas para conversar, uma neta-filha pra criar.



Terra

Esta participante-colaboradora tem 67 anos, 12 filhos e autodeclara-se parda. Mulher da roça, diz ter tido como um de seus maiores prazeres trabalhar, arar a terra, plantar e capinar com um bebê no colo. “O peso que eu botasse aqui no joelho ia pra cabeça. Eu botava no joelho, mas eu rodava, rodava, botava na cabeça e ia embora. [...] Ia bem cedo e chegava de noite”.

Os prazeres ficaram quase todos no passado, queixa-se que hoje em dia não consegue mais carregar a mesma quantidade de peso, nem trabalhar as mesmas horas, precisou diminuir devido às dores no corpo. “Às vezes faço uma besteirinha, um pãozinho...agora, varrer a casa, vasculhar a telha, passar o pano, lavar a roupa...eu não posso fazer”. Ela explica:

passsei no médico e ele disse que eu tinha desgaste nos ossos, inchado...áí ele disse que eu ia tomar um remédio pro resto da vida, mas eu ia sempre permanecer sentindo dor... porque eu tenho desgaste nos ossos, e peguei muito peso, isso eu sei muito. Lutei muito.

Mais uma vez vemos os danos causados pelo trabalho excessivo, tanto para sobreviver, quanto por exploração feita por um homem, uma vez que ela afirma que o marido sempre bebeu muito e que por muito tempo o que ela colhia na roça, ele saía para vender e muitas vezes não trazia o rendimento para casa. Além disso, relatava que ele a trai constantemente e em determinado momento a infectou com uma IST. Além das dores físicas, Terra diz que sofre de vários adoecimentos psíquicos: “Eu tenho problema, tenho depressão, medo, ansiedade, síndrome do pânico, sistema psicológico”. Parafraseando Terra: “o peso que incide sobre seu corpo, vai pra cabeça”, talvez por isso sofra tanto de “sistema psicológico” (*sic.*). Todas essas chagas ocupavam muito espaço em sua vida, em seu discurso e a necessidade de falar se fez valer, pois Terra foi a todos os encontros, falou bastante em todos eles e suas entrevistas individuais foram as mais longas. No terceiro encontro relatou estar sentindo menos dores e que a noite anterior “foi a noite que eu mais dormi”, demonstrando os efeitos de poder falar em um espaço acolhedor, no qual suas dores foram ouvidas e ressignificadas.

Cachoeira

Com 74 anos, ela se declara morena e tem cinco filhos. Quando perguntamos, disse que não sabia nada sobre o corpo, depois falou que sua mãe tinha ensinado algumas práticas de higiene, que ela repassou para as filhas. Como seu nome fictício sugere, ela se permite fluir pela vida. Suas participações foram sintéticas, não por silenciamento, mas por se mostrar tranquila em relação aos temas abordados. Não



temos boneca feita por ela, porque faltou na oficina em que foram construídas.

Ela demonstrou, ainda, ter aprendido muito ao longo da vida e que a leva com assertividade. Via o grupo como entretenimento, mas isso não a fazia desvalorizá-lo, demonstrando na prática que entendia o valor do prazer. “[...] era bom que ficasse toda semana[...] Era... pra gente se entreter, né?”. Apesar disso, a vida é complexa e por questões de saúde não conseguiu comparecer a dois dos encontros. Em sua breve participação, nos trouxe alegrias e ensinamentos.

Barro

A longeva do nosso grupo tem 81 anos, 18 filhos, não alfabetizada, declara-se preta e nascida em quilombo. Ela traz uma história de vida marcada por muita pobreza, violência e exploração. Diz que quando criança foi escravizada na fazenda que ficava próxima ao quilombo; ela e a família trabalhavam nesse lugar para ganhar menos do que o suficiente para sobreviver, inclusive, usavam roupas feitas dos sacos que armazenavam os insumos da fazenda. Queixa-se que o pai era muito bruto e a obrigou a casar muito jovem. Após o casamento, o marido a levou para a casa dele e chegando lá, ela descobriu que ele já tinha cinco filhos junto à sua esposa anterior que havia falecido. Barro se enraivece e volta a pé para a casa de seu pai que morava muito distante. Ao chegar lá, o pai a expulsa e diz que ela não pode desfazer o casamento. Assim, ela vive com seu marido até o dia da morte dele, mas sempre com muitas brigas e discussões, pois segundo diz “Era braba, ainda sou. [...] Deixo de ser braba não, só deixo de ser braba quando eu morrer”. É com essa brabeza, mas também com muita lucidez e generosidade, que compõe nosso grupo.

Possui a força lenta e certa que só o tempo traz. Cria os filhos nascidos do seu útero, mas também os que a vida colocou em seu caminho. Não abaixa a cabeça, não entra em batalha perdida, por isso ganha quase todas nas quais se deixa entrar. Não tem tempo pra dor, enfrenta-a com assertividade.

Flor

Durante a entrevista em profundidade de Barro, sua filha estava na cozinha e dirigiu-se até a sala para comentar uma das falas de sua mãe. Nessa breve participação enunciou-se um discurso com várias nuances e, por isso, ela aparecerá em algumas sequências discursivas ao longo da seção que versa sobre resultados e discussões. Chamaremos esta mulher de Flor, pois ela nasceu da fertilidade de Barro. Não foi uma participante tradicionalmente assim nomeada, mas em uma pesquisa-intervenção as informações e acontecimentos são fluidos, produzindo cenários e compondo um panorama das situações investigadas.



De modo geral, podemos observar que a vida dessas mulheres foi marcada por muitos sofrimentos, violências e opressões. No entanto, por meio da alegria, da religião, da resiliência e do laço com outras mulheres, elas conseguiram seguir suas jornadas e chegar até a velhice. Isso ficará mais evidente na próxima seção, na qual analisaremos o corpus por elas produzido ao longo de nossas conversas.

O corpo marcado pela interseccionalidade entre gênero, raça e envelhecimento

Como o subtítulo sugere, não apresentaremos essas categorias em diferentes sequências discursivas, pois uma mulher negra não deixa de ser mulher quando sofre racismo, nem deixa de ser negra quando sofre machismo e, uma vez que a pesquisa foi realizada com mulheres idosas, todas as falas são efeitos dos posicionamentos atuais dessas mulheres acerca de suas memórias, algumas mais próximas e outras mais longínquas, mas todas atravessadas por suas trajetórias. Ainda que não esteja explícita a opressão a qual determinada sequência discursiva está associada, todas estão imbricadas com o lugar e o tempo social vivido por essas mulheres. O texto foi organizado com sínteses realizadas a partir de algumas falas delas.

“Quebrar a panela, como que quebrou essa panela?”

Já tinha 4 filhos. Foi aí que eu ouvi isso de quebrar a panela, aí que me disse: “quebrar a panela” aí eu disse: quebrar a panela, como que quebrou essa panela? Aí fiquei voando, né? Aí depois um falava, outro falava, outro falava. Aí que eu vim entender o que era quebrar a panela. Porque eu não sabia, ninguém nunca explicou nada, nada. Eu já tinha quatro filhos quando eu vim escutar essa palavra “quebrou a panela” [Terra].

Só após o quarto filho Terra teve acesso a entender o que era “quebrar a panela”, expressão local utilizada para falar que uma mulher teve sua menarca. Observamos, pois, um corpo marcado por uma não nomeação, uma vez que mesmo já tendo menstruado e engravidado algumas vezes, ela ainda não reconhecia o significante que dizia dessa primeira experiência. Em pesquisa recente sobre a menstruação, Capp (2024) observou que as comunicações midiáticas sobre o tema até hoje reproduzem estigmas sociais quanto ao corpo da mulher. Isso evidencia a ausência de informação e de espaço para a escuta e nomeação da experiência menstrual o que distância a pessoa da possibilidade de se apropriar do seu próprio corpo.

Na relação com os homens - sejam os pais ou companheiros - o silenciamento aparece mais uma vez, frequentemente acompanhado por violência e subjugação. Como podemos ver nas sequências a seguir:



“Casei inocente, eu não sabia de nada. De nada eu sabia”

- Aí com quatorze anos, eu ia fazer quinze anos, eu tinha um namorado e casei com ele mesmo. Só arrumei um namorado só. Aí eu não sabia de nada, e eu ia fazer quinze anos e ele ia fazer dezoito. Aí...aconteceu. Quer dizer, não aconteceu, foi até uma coisa meio vergonhosa de falar. Porque foi meu pai quem me deu fé. Mas não aconteceu. Aconteceu nada. Aí pensou que tinha acontecido, fazia muito tempo já, e lá vai porque nós namoramos três anos. Agora um namoro que, nós não se sentava assim pra conversar, nós num tinha... né que nem hoje. É trepada uma em cima do outro, se beijando, se abraçando, se agarrando...nós namoramos três anos e meu pai nunca viu nós sentado assim, nem ninguém. Aí a gente ia assim, no meio de mato, ia pra uma casa de uma tia minha, irmã do meu pai...a gente ficava assim... mas, eu mesmo casei inocente. Casei inocente, eu não sabia de nada. De nada eu sabia [Terra].

Agora meu pai fez meu casamento como se eu fosse perdida. Mas se toda moça tivesse casado perdida que nem eu casei... [Terra].

Terra retoma esse assunto diversas vezes, diante da insistência, perguntamos como ela se sente a respeito disso, ao que somos respondidas com a vergonha que o engano e a irredutibilidade do pai fez recair sobre ela.

- E a senhora tem mágoa disso? [pesquisadora].

- Bom, eu fico meia triste, meia...é, ele já morreu e tudo. Mas eu fico com mágoa porque ele fez meu casamento que nem...que nem de cachorro. Eu tava conversando com minha irmã mais velha um dia desses. Ele fez meu casamento que nem casamento de cachorro. Só não foi tanto porque a minha madrinha pediu pra fazer um vestidinho, ajeitou, pronto... [Terra].

Assim como Terra, Barro também casa-se de modo forçado. Os pais eram, portanto, proprietários delas e, de acordo com as convenções da época, passaram a propriedade para um outro homem. Essas mulheres não tiveram a oportunidade de viver em seus próprios mundos, como diria Flor.

“Aí ela viveu no mundo dele. Ela não teve oportunidade de viver no mundo dela”

- Assim, na mente abriu bastante. No modo de abrir a mente dela sobre a vida ela abriu bastante, sabe? Quando meu pai era vivo não, mas depois que meu pai faleceu parece que ela se rebelou. Que assim, meu pai era uma pessoa muito ignorante, muito fechado, não se podia falar de nada dentro de casa, meu pai era um bruto. Era com ela, com os filhos, com as filhas, com todo mundo, sabe? Aí ela viveu no mundo dele. Ela não teve oportunidade de viver no mundo dela [Flor falando sobre sua mãe Barro].

- E como foi quando a senhora casou se não sabia de nada? [pesquisadora]

- É porque tudo que meu pai foi de nos juntar e fez o nosso casamento. Pensando que eu já era mulher, mas eu não era. [Terra]

- E o seu marido na época já sabia das coisas ou era inocente também? [pesquisadora]

- Ele já sabia, ele já sabia. Ele já tinha ido praqueles cantos. Já sabia...era mais velho do que eu, dois anos e oito meses. Ele já sabia, mas eu não. [Terra]

- A senhora casou com quantos anos? [pesquisadora]

- Ia fazer quinze. [Terra]

- E seu marido ensinou as coisas? [pesquisadora]

- Foi. Foi ele quem me ensinou.



- E como foi pra senhora aprender? [pesquisadora]
- Bom, eu...não sabia de nada e lá vai mais de ano deu casada foi que nasceu a primeira menina. Ia fazer dezesseis anos. Em agosto e nasceu em fevereiro. Aí, as minhas cunhadas foi quem me disseram umas coisas, me perguntaram se já tinha visto um...uma cabra, uma vaca parindo. E é tanta dor, tanta dor que pense, *meu Deus do céu...*mas eu não sabia de que jeito era. [Terra]

Em outro momento Terra diz que uma de suas filhas achou que seria mandada embora de casa quando ficou grávida, mas que jamais expulsaria um filho e a deixou morar lá, até que ela arranjou um novo companheiro e se mudou para outro estado com ele e sua filha. Percebemos, assim, que Terra fez diferente com sua filha do que seu pai fez com ela, optando por acolher, ao invés de forçar um casamento às pressas.

Outro aspecto é que a opressão vinda de seus pais e maridos é reconhecida e normalizada. Podemos observar o valor do famoso dito “até que a morte os separe” em falas como a de Flor sobre sua mãe só ter podido “viver no mundo dela” depois do falecimento do marido, bem como, na próxima sequência, onde Barro se refere ao ex-companheiro de Movimento como “marido” dela, da primeira esposa, não daquela que se relaciona com ele atualmente, mesmo que eles estejam separados há muitos anos, ainda permanece com o título.

Essa daqui é uma sofredora. [...] Hoje em dia eu falo com a mulher que vive com o marido dela, porque a gente não pode deixar de falar com o povo, né? [Barro referindo-se a Movimento]. Essa que ele tá hoje, quantas vezes não foi pra dentro de casa? Ele levou! É uma falta de respeito, né? Uma falta de consideração. O homem arrumar as gambiarra dele e levar pra dentro de casa [Movimento].

Podemos observar que apesar da queixa da “falta de consideração”, Movimento continua considerando-o como marido, uma vez que não corrige Barro. Aqueles que não são pais - delas ou dos filhos. No entanto, são vistos como ameaça da qual as mulheres devem proteger sua prole. E, ainda, a outra mulher da cena recebe a alcunha de “gambiarra”, ou seja, daquilo que de modo improvisado mantém o funcionamento de algo, nesse caso, a vida marital do homem em questão.

No entanto, a posição de Movimento, apesar de vulnerável, não é passiva. Ela conta que “botava pra correr com o cabo de vassoura” e quando é perguntada se ele a batia responde: “ele dava em mim, eu dava nele”.

- A senhora apanhava, Dona Movimento apanhava? [Barro].
- Apanhava, ele dava em mim, eu dava nele [Movimento].
- Eu acho que se eu apanhasse do marido de dia, de noite ele não dormia. Porque eu não sou mulher pra apanhar e de noite dormir agarradinho não [Terra].



Apesar de não tolerar apanhar, Terra suporta violência financeira e traições que colocam em risco sua saúde, situações que foram confidenciais nos encontros individuais, mas jamais mencionadas nos grupos. Na primeira oficina, quando pedimos que elas representassem com o próprio corpo como era ser uma mulher hoje em dia, Terra nos disse: “se eu fosse um boneco de barro eu ia ficar lá no cantinho. Onde me botasse eu ia ficar”. Parece-nos que manter-se em relações violentas tem relação íntima com ficar onde for colocada e, como vimos teoricamente, nossa sociedade reserva às mulheres negras inúmeras mazelas sociais (HELENE, 2019; MIRANDA, 2016; OLIVEIRA; KUBIAK, 2019), assim, aceitar ficar onde quer que as coloquem é um potencial agravador de suas vulnerabilidades.

Damaceno *et al.* (2024) observaram que mulheres idosas tendem a “tomar a liderança” diante de situações de violência doméstica e lidar com as consequências, ainda que negativas, da denúncia. Elas associam esse fenômeno a um empoderamento individual, no entanto, nossos dados apontam para um empoderamento junto às suas filhas, galgado ao longo da vida e melhor estabelecido na velhice

Por outro lado, Pirkis *et al.* (2024) apontam a violência doméstica, praticada por qualquer pessoa da família, como um fator de risco para o suicídio e desenvolvimento de transtornos mentais. Já, Villarrubia e Rojas (2024) observaram que esse tipo de violência está associado a outros fatores, como raça e classe, o que dificulta o acesso à justiça, isso dá outro contorno para ao paradoxo entre tolerar e proteger a si e às suas filhas e netas, que as mulheres do nosso estudo apresentam. Uma vez que o estado não garante proteção, essas pessoas precisam encontrar outras formas de conseguí-la.

Outra sequência que vale nota, e que está no cerne das violências domésticas, ocorreu quando Terra nos contou da conversa que ela e três de suas filhas tiveram com o padrasto de sua neta.

“Você pode tá nos inferno, que Deus livre e guarde, nós vamos atrás de você, nós faz picadinho de você”

-“Pelo amor de Deus, tu cuida dessas menina como for preciso, porque... Deus me livre”, as meninas disseram, as três irmãs disseram lá a ele, até um palavrão que elas falaram, “você pode tá nos inferno, que Deus livre e guarde, nós vamos atrás de você, nós faz picadinho de você” [Terra].

Essa história provocou muito a todas e deu início a algumas expressões de indignação e comentários que se sobrepuseram (a ponto de não ser possível identificar na gravação quando fomos transcrever), daí devolvemos a questão para o grupo de modo sintetizado e a discussão continuou:

- Aí vocês acham que assim, que quando é outro homem que não é pai da criança não respeita? [pesquisadora].
- Não respeita não, porque muitas que se deixaram, arrumaram outro, botaram dentro de casa, eu fiquei sabendo que eles mexeram nas crianças [Terra].



- E também não dá certo, sabe por quê? Porque os homens de hoje são traiçoeiro. [Barro]
- E o pai da criança, respeita? [pesquisadora].
- Tem deles que não respeita não, respeita não que tá com um ano e pouco, lá na rua disseram, que o pai estuprou uma menina de seis anos, a filha! Mataram ele. E o pai, viu, minha fia?! Era o pai! [Movimento].
- Mardidoado! Não, só presta... Deus me perdoe, só presta ter matado mesmo [Terra].

Nessas sequências observamos o tensionamento que existe entre essas mulheres e os homens que as cercam. Seja em relações com o pai, com o marido ou com estranhos, os homens aparecem enquanto ameaça, que ora é tolerada, ora contestada, ora é abolida, a depender da posição que ocupem na vida delas e da natureza da violência experienciada, sendo a violência sexual a forma mais repudiada entre as relatadas em seus discursos.

A maior parte das próximas sequências discursivas tem relação com a oficina em que foram utilizadas as bonecas de papel. A solicitação foi: “- Hoje a gente vai fazer um negócio que se chama assim: ‘como eu me vejo!’. Então vamos entregar a vocês umas opções...” [pesquisadora]. Logo que observaram que os corpos (Figura 4) possuíam cores diferentes, espontaneamente começaram a falar sobre raça. De início já se apresenta uma hierarquia na qual a cor “morena” é valorizada e as palavras “preta” e “negra” são expressões de rebaixamento:

“Eu Gosto da Cor Morena” e “Dizer que é negra [...] tá rebaixando a pessoa”

Apesar de apenas Cachoeira e Movimento se autodeclararam “morenas”, o termo parece circular entre as participantes-colaboradoras sem estranheza ou desconforto:

- Mas às vezes a cor morena é mais linda que a cor branca! [Mata].
- A cor morena é... A cor morena é ouro! [Terra].
- Olhe, a cor dela é morena. Mas a cor dela não é mais escura do que a minha? Pois pronto, a minha é uma cor de canela. Cor de café com leite. Cor de canela [Movimento falando sobre Barro].
- Pois bem, a minha é uma cor bem preferida... [Barro].
- Bem preferida! [Movimento].
- Eu gosto da cor morena [Terra].
- E por que é que não pode dizer que a pessoa é preta ou que a pessoa é negra? [pesquisadora].
- Diz que tá rebaixando a pessoa [Movimento].

É importante ressaltar que, nessas sequências, a cor “morena” é associada à ideia de “ouro”, ou seja, algo de alto valor simbólico, enquanto a cor preta aparece como motivo de rebaixamento. Trata-se de um dos efeitos da ideologia do branqueamento (HOFBAUER, 2010; MUNANGA, 2024), que coloca a branquitude como ideal de humanidade a ser alcançado. Para aqueles que não podem ser brancos, resta ser “menos pretos” — neste caso, “moreno”.



Silva *et al.* (2025) observaram, em seu estudo empírico, que a palavra “moreno” foi utilizada para designar diversos fenótipos, enquanto a palavra “preto” apareceu apenas para um tom de pele entre os disponíveis na pesquisa. De modo semelhante, em nosso estudo, Barro — lida pela pesquisadora como preta retinta — e Movimento — que possui a pele mais clara que a dela — foram nomeadas durante a oficina como “morenas”, o que demonstra a volatilidade e ambiguidade desse termo.

Em relação à imagem corporal de pessoas “morenas”, podemos olhar para as escolhas que Movimento faz ao montar uma personagem (bonequinha) que deveria representá-la: escolhe o tom de pele mais retinto e o cabelo loiro, o que nos leva a uma pergunta para a qual não temos resposta: por que alguém que se diz “morena clara” escolheria a pele mais retinta e o cabelo mais claro como representação de sua imagem? Lembrando que havia bonecas em número suficiente para todas, ou seja, as escolhas foram espontâneas. Futuros estudos podem aprofundar a investigação da constituição da imagem corporal de mulheres com fenótipos pardos ou pretos, inclusive analisando suas identificações imagéticas, a partir também dos marcadores classe social e localidade geográfica.

Por ora, a respeito da dificuldade da pessoa negra em elaborar seu esquema corporal, retomamos a fala de Fanon (2008), uma vez que esse processo se dá em terceira pessoa, e o Outro, que no imaginário social é sempre branco, devolve apenas a negação, ou seja, o corpo negro é *à priori* uma impossibilidade. Dizemos desse modo, pois acreditamos que é possível um reposicionamento discursivo, sob o qual pessoas negras possam constituir seu corpo tendo seus pares como espelho. Como pode ser observado no discurso de Barro, mulher quilombola, que se definiu na entrevista individual como preta e, durante a oficina, ao se referirem à sua cor, prontamente afirmou: “Pois bem, a minha é uma cor bem preferida”. Em um contexto racista como o brasileiro, a pele preta raramente é socialmente reconhecida como “bem preferida”; no entanto, essa mulher parece utilizar esse recurso discursivo como forma de reafirmação identitária, resistindo às tentativas de apagamento e branqueamento.

Ainda quanto à autodeclaração, no questionário esse quesito era fechado e continha as opções preta, parda, indígena, branca e amarela e, apesar disso, duas participantes-colaboradoras preferiram se identificar enquanto morenas. Essa informação se articula com o modo como a raça é vivenciada por essas mulheres; o termo “morena” fala de uma negação à negritude no campo da linguagem, apesar de no âmbito social não isentar a pessoa “morena” dos efeitos do racismo, nem os individuais, menos ainda os estruturais (HOFBAUER, 2010; MUNANGA, 2024).

A próxima fala, por outro lado, traz “a cor negra” como importante agente social, no entanto, é possível ler o distanciamento entre aquela que fala e aqueles que são falados, uma vez que nos recortes não há sinal de identificação. Outro ponto a ser observado é a negritude associada ao trabalho, um estereótipo que remonta o histórico de escravização dos corpos negros:



“Você hoje come e bebe, é porque a cor negra trabalha”

Um senhor que tava tomando uma lá disse: “rapaz, deixa de discriminar com o preto! [...] Porque é assim: se Deus fosse deixar tudo pro rico?! Ele deixa pro pobre, deixa pro rico... Deixar pro branco, deixa pro preto”. Aí eu disse na época: “você hoje come e bebe, é porque a cor negra trabalha pra colocar na rua pra você comer”. E não é não? [Terra].

Outro ponto a ser observado é a associação entre a negritude e o trabalho, um estereótipo que remonta ao histórico de escravização dos corpos negros. Como afirma Angela Davis (2016), a exploração do trabalho de pessoas negras durante a escravidão moldou uma estrutura socioeconômica que continua a operar no presente, sustentando a ideia de que corpos negros existem para servir. Grada Kilomba (2019) também problematiza essa lógica ao refletir sobre os lugares sociais atribuídos a corpos racializados, indicando que o racismo se manifesta não apenas por meio da exclusão, mas também pela imposição de papéis historicamente desumanizantes.

Como pudemos escutar, as falas desse grupo — composto por mulheres com pouca escolaridade, moradoras de um município do interior e que vivenciaram sua juventude em um contexto político no qual os movimentos sociais não chegavam até elas — revelam, ainda assim, espaços de ruptura e resistência. Esse “vai e vem” gerava, por vezes, tensões e, em outras, reflexões, com o grupo se movimentando em direções variadas. Tais movimentos e contradições retratam a complexidade da questão racial no Brasil, como nos mostram autores como Bisol (2020), Guimarães (1999), Marques Júnior (2021), Munanga (2024) e Nogueira (2007), entre outros.

Suas envelhecências - dando Lugar a um momento da vida

A partir deste ponto apresentaremos o discurso das participantes-colaboradoras em relação à atual etapa de suas vidas. A maior parte desse material foi produzido durante a oficina sobre envelhecimento, em especial de uma atividade, na qual levamos três rosas, uma viçosa, uma um pouco murcha e outra bastante decomposta e demos o seguinte direcionamento: “qual rosa você escolheria para representar sua infância?” pedimos que cada uma respondesse e nos explicasse sua escolha, depois repetimos o processo com a adolescência, adultez e velhice.

“Minha infância foi essa”

Quando a pesquisadora perguntou o porquê para Mata, ouviu: “Porque eu não tinha minha mãe. Sofri muito”. As outras a acompanharam em relatos semelhantes:



Da infância não quero saber não. Quero saber que eu era ruim, ainda hoje sou” [Barro].
Porque só vivia no cabo da enxada, com minha mãe torrava o milho, pisava no pilão pra quando a gente chegasse comer, pra voltar [Cachoeira].
Minha mãe quando foi, eu fiquei criança. Ai era assim, eu cozinhava panela pra 10 trabalhadores comerem. [...] Me criei sem mãe, cozinhava pra trabalhador, qualquer coisinha o cacete comia. [...] Depois que eu me casei ... eu nunca fui tocada com medo assim de verdade, vou te bater, e dizer assim vou te judiar vou te pegar pelos cabelos. Chegar bêbado e me judiar ou dizer alguma coisa comigo [Terra].

As infâncias dessas mulheres foram marcadas por pobreza, trabalho árduo e silenciamento. Para algumas o casamento aparece enquanto uma melhoria em suas condições de vida, porém estabelece uma relação de poder do homem sobre a mulher.

Quando perguntamos sobre a vida adulta, Terra escolhe a rosa parcialmente murcha e diz: “Depois que casei, nunca apanhei, mas trabalhei muito, ele bebia e ficava com as mulheres e tudo”. Dois fenômenos produzem alteração nessa relação: a aposentadoria da mulher ou o falecimento do marido, como podemos observar no seguinte trecho da fala de Flor (filha de Barro) “[...] quando meu pai era vivo não, mas depois que meu pai faleceu parece que ela se rebelou”.

- Depois disso ela pôde viver no mundo dela. Ela não quis mais namoro, não quis mais homem, não quis mais nada. Mas em compensação ela ficou mais jovem, minha filha. Ela viaja sozinha, ela vai pra Recife, ela volta, ela vai pra Caruaru, ela volta. Eu só ligo pro homem, o homem pega ela aqui e deixa na casa da minha irmã, pega na casa da minha irmã e deixa aqui. Pra uma pessoa que tem 80 anos, eu acho ela uma pessoa muito sã [Flor falando sobre sua mãe, Barro].

“Depois que eu me aposentei, graças a Deus eu renasci”

- A minha velhice de 10 anos pra cá é... só não é melhor porque eu não tenho saúde. Porque tem 10 anos que tenho meu dinheirinho, não peço a ninguém. Compro minhas coisinhas, compro minhas roupinhas, compro meus cremezinhos, tanto os que eu compro como os que me dão [Terra].
- Às vezes eu dizia: “quando tu vir da rua compra um oleozinho pra mim, eu trabalhava até o sábado, ele saía pra rua e não chegava com um confeito pras crianças. Aí quando eu me abusei dele falei de agora em diante nós não vamos mais passar precisão e eu não vou deixar faltar nada em casa, mas um real eu não lhe dou, já basta o que eu trabalhei quando era nova pra você beber e quengar com as amigas [Terra].

Parece-nos que a possibilidade de “viver no próprio mundo” foi conquistada passo a passo ao longo da vida delas. As escolhas das rosas foram bastante surpreendentes para os pesquisadores, uma vez que nenhuma das participantes-colaboradoras escolheu a flor mais viçosa para a infância ou para a adolescência, ao passo que todas escolheram esta flor para a velhice. O que as falas dessas mulheres nos sugerem é que quando falamos de infâncias negras, a proteção nem sempre comparece, muito ao contrário. São desenvolvimentos frequentemente marcados por violência, misoginia, subserviência e pobreza. No entanto, ao longo da vida elas conquistaram autonomia e desenvolveram estratégias de proteção, para si e



para os seus, de modo a viver mais confortavelmente na atualidade. O paradigma de que envelhecer é ruim e que significa a pior fase da vida não pode ser generalizado. Há espaço para conquistas, ressignificações e mudanças a qualquer ponto do viver.

Santos e Rabelo (2022) encontraram resultados semelhantes aos nossos e observaram que idosas negras possuem uma trajetória de vida desigual desde a infância, pois experienciaram os efeitos do racismo e do patriarcado e esses processos influenciavam suas velhices. Freitas *et al.* (2022) discutem o racismo internalizado na mulher negra, especificamente no Brasil, mencionando os aspectos estruturais, institucionais e interpessoais. Até o momento, observamos relatos de trabalho na lavoura durante a infância, submissão ao homem e exploração no trabalho, necessário para subsistência. Hand e Ihara (2024) nomeiam de “discriminação interseccional” a vulnerabilidade de mulheres idosas que ocupam algum outro lugar de fragilidade, incluindo a raça. Eles afirmam a necessidade da área de saúde contribuir com os cuidados para essa população.

Para sintetizar a conversa, a pesquisadora devolveu para o grupo: “Pelo que eu entendi vocês sofreram muito na infância, mas agora tá bem melhor, né?” Ao que todas responderam em uníssono: “graças a Deus!”

Essas sequências discursivas nos mostram que, apesar da velhice trazer dores físicas, do ponto de vista socioeconômico e de possibilidades de certa autonomia e liberdade, a vida pode melhorar. O senso comum associa o envelhecimento a perdas, mas o que podemos aprender com essas mulheres é que muitos espaços foram conquistados por elas ao longo da vida, em um processo longo e árduo, mas ainda assim transformador para elas e para as gerações que vieram depois delas e que contam com seu apoio para ter uma vida cada vez melhor.

Colocar em foco um olhar com viés psicológico para mulheres negras e idosas traz a necessidade de pautar a interseccionalidade entre gênero, raça e cor, o que remete a uma discussão teórica sobre o entrelaçamento entre essas dimensões. Rennes (2020), aponta que no envelhecimento, não ter os demais marcadores de vulnerabilidade torna-se uma vantagem, mas que ainda assim, para além da interação entre estas dimensões, o envelhecimento em si precisa ocupar um espaço nas lutas de um sujeito político.

É importante ressaltar que grande parte das conquistas mencionadas ocorreu apesar das limitações do sistema, e que direitos fundamentais que trouxeram melhorias significativas às vidas das participantes-colaboradoras, como a aposentadoria, são constantemente ameaçados. Cabe ao Estado, portanto, investir de forma mais efetiva em políticas públicas de saúde, educação, assistência social e previdência, com foco nas especificidades das mulheres negras idosas, visando reparar as iniquidades por elas vivenciadas (MERODIO *et al.*, 2024).



Nesse diálogo, por vezes tensionado, entre as singularidades e os atravessamentos, as mulheres colaboradoras da presente pesquisa encontraram saídas, rotas de fuga não apenas para a sobrevivência, mas também para construir uma existência com mais satisfação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ao longo dessa pesquisa que a produção acadêmica a respeito da mulher negra idosa é escassa, logo, não conhecemos suficientemente as nuances do processo de envelhecimento pela lente de estudos sistematizados. Esse não-lugar pode ser explicado por essa tríplice vulnerabilização: aquela que não é homem, nem branca, nem tão produtiva para o capitalismo quanto já foi. Assim, com as atividades construídas nas oficinas, a fala livre foi ganhando espaço e histórias de ensinamento e de aprendizados foram sendo enunciadas. A história contada por uma incentivava a outra a dividir a sua e em pouco tempo todas falavam das dificuldades, mas também das coisas boas que passaram na vida. Os espaços de trocas grupais e orais podem ser uma estratégia de promoção de saúde mental para populações em situação de vulnerabilidade e a Psicologia tem tecnologias para construir essas possibilidades de cuidado.

O papel da Psicologia e das demais áreas de Saúde, seja no âmbito da pesquisa, seja na atuação profissional, está em colocar foco em singularidades atravessadas por marcos estruturais que podem promover sofrimento. A área de Saúde Mental, por exemplo, não pode ater-se exclusivamente a um modelo biomédico e curativo; precisa também atuar como promotora de um bem-viver que componha a construção de uma vida cheia de sentidos, prazeres e escolhas. As políticas públicas e os equipamentos de Estado são indispensáveis para garantia de direitos para essas populações

Realizar apenas um grupo tornou-se uma limitação para o aprofundamento da produção de dados desta pesquisa, uma vez que não foi possível ampliar e compor os relatos com visões de mundo diferentes, em uma outra formação grupal. Os resultados aqui apresentados podem inspirar práticas e investigações, mas outras comunidades e regiões poderão ter vivências diferenciadas. Estamos aqui falando especificamente de uma cidade pequena, no interior de um estado brasileiro, situado no Nordeste.

Ainda assim, algumas marcas que compareceram nos discursos têm ressonância com os temas violência, exploração e tentativas de silenciamento marcam a história do povo negro, em especial das mulheres negras e idosas. No entanto, mesmo essa violência continuada por gerações e perpetuada culturalmente não foi suficiente para destruir as mulheres desta pesquisa, uma vez que elas herdaram as lutas e estratégias de vivência de suas mães e avós e, agora, repassam a herança, já digerida e multiplicada, para suas filhas e netas. Um corpo sem nome, que trabalha, apanha, geme, ama, dança, cria, aninha, escapa, sobrevive e ganha forma e sentido junto a outros corpos.



Vimos ao longo do texto que o corpo é constituído na relação com o Outro, inventando-o e, também, (re)inventando-o. Por isso, nos empenhamos para oferecer espaço para que as participantes-colaboradoras pudessem (re)inventar um corpo. Se precisássemos, resumiríamos esta pesquisa a isto: um esforço para fazer corpo junto a mulheres a quem isto foi negado, não através de uma salvação, mas da retomada daquilo que sempre foi delas, apesar de negado e invisibilizado.

Os avanços da população negra são intergeracionais, esses corpos e os lugares e experiências pelas quais elas transitam estão em profunda relação, ainda que isso não esteja visível de pronto. O discurso das participantes-colaboradoras nos mostra que as mulheres negras conseguem produzir algumas aberturas frente ao sistema que as oprime e encontram formas de viver para além do que lhes é ofertado socialmente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. S.; RABELO, D. F.; FERNANDES-ELOI, J. “Indicadores de Saúde Mental e do Clima Familiar de Idosas Negras Matriarcas”. **Revista de Psicologia da IMED**, vol. 12, n. 2, 2020.

BISOL, B. “Racismo, corpo e liberdade: a filosofia do hitlerismo no Brasil hoje”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 76, 2020.

BRAGA, A. P. M.; ROSA, M. D. “Articulações entre Psicanálise e Negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, vol. 10, n. 24, 2018.

CAPP, E. **Comunicação e produção de sentidos sobre a menstruação**: práticas de recepção de mulheres a partir de postagens no Instagram (Dissertação de Mestrado em Comunicação). Porto Alegre: UFRGS, 2024.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

COLLINS, P. H. “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n. 1, 2016.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

DAMACENO, D. G. *et al.* “Elderly women’s leading role in reporting violence: a grounded theory”. **Texto e Contexto – Enfermagem**, vol. 33, 2024.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da USP, 1999.

DUARTE, J. “Entrevista em profundidade”. *In*: BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.



EL JUNDI, N. C. **Construção de um espaço para análise coletiva do trabalho**: uma pesquisa-intervenção com a equipe da internação psiquiátrica de um hospital geral (Trabalho de Conclusão de Residência em Atenção à Saúde Mental). Porto Alegre: UFRGS, 2025.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

FREITAS, G. L. T. *et al.* “Inserção da mulher negra no mercado de trabalho: uma revisão de literatura”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 26, 2022.

GALVIS, P. L. **Vejez, envejecimiento y salud**: una mirada cultural e interseccional desde las mujeres adultas mayores afro-chocoanas (Tese de Doutorado em Saúde Coletiva). Bogoyá: Universidad Nacional de Colombia, 2024.

GHISLENE, A.; COSTA, D. M. “A pesquisa-intervenção na perspectiva metodológica: articulações entre temas e propostas em um Mestrado Profissional”. **Educação**, vol. 49, 2024.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HAND, M. D.; IHARA, E. “Ageism, Racism, Sexism, and Work With Older Healthcare Clients: Why an Intersectional Approach Is Needed in Practice, Policy, Education, and Research”. **The International Journal of Aging and Human Development**, vol. 98, 2024.

HAREVEN, T. K. “Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida”. **Cadernos Pagu**, n. 13, 2015.

HELENE, D. “Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia”. **Cadernos Metrópole**, vol. 21, n. 46, 2019.

HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

HOOKS, B. **E não sou eu uma mulher?** mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LACAN, J. “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

LACAN, J. “O sinthoma”. *In*: LACAN, J. **O seminário**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

MARQUES JÚNIOR, J. S. “Racismo no Brasil e racismo à brasileira: traços originários”. **O Social em Questão**, vol. 24, n. 50, 2021.

MERODIO, G. *et al.* “The impact of gendered ageism and related intersectional inequalities on the health and well-being of older women”. **Research on Ageing and Social Policy**, vol. 12, n. 2, 2024.

MIRANDA, S. F. “Da base da pirâmide social à ‘elite’ do sistema: um estudo de caso sobre as diversas incursões de uma mulher negra, nordestina e militante”. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, vol. 11, n. 1, 2016.



MOURA, R. F. *et al.* “Fatores associados às desigualdades das condições sociais na saúde de idosos brancos, pardos e pretos na cidade de São Paulo, Brasil”. **Revista de Saúde Pública**, vol. 28, n. 3, 2023.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2024.

NOGUEIRA, I. B. **A Cor do Inconsciente: Significações do Corpo Negro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do Corpo Negro** (Tese de Doutorado em Psicologia). São Paulo: USP, 1998.

NOGUEIRA, O. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. **Tempo Social**, vol. 19, n. 1, 2007.

OLIVEIRA, B. M. C, KUBIAK, F. “Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira”. **Saúde em Debate**, vol. 43, n. 122, 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**. Campinas: Editora Pontes, 1996.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”. *In: PASSOS, E. et al. Pistas do método da cartografia*. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PIRKIS, J. *et al.* “Addressing key risk factors for suicide at a societal level”. **The Lancet Public Health**, vol. 9, 2024.

PLÁCIDO, J. *et al.* “Association among race/color, gender, and intrinsic capacity: results from the ELSI-Brazil study”. **Revista de Saúde Pública**, vol. 57, n. 1, 2023.

RABELO, D. F.; ROCHA, N. M. F. D. “Velhices invisibilizadas: desafios para a pesquisa em Psicologia”. *In: CERQUEIRA-SANTOS, E.; ARAÚJO, L. F. (org.). Metodologias e investigações no campo da exclusão social*. Teresina: Editora da UFPI, 2020.

RODRIGUES, J. C. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SANTOS, C. C.; SILVA, D. C. “Mulheres negras velhas: escrevivências e oralituras”. **Renove**, vol. 3, n. 5, 2024.

SANTOS, G. A.; LOPES, A.; NERI, A. L. “Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos”. *In: NERI, A. L. (org.). Idosos no brasil vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, NERI, A. L. São Paulo: Editora Sesc, 2007.

SANTOS, K. *et al.* “Oficinas terapêuticas com mulheres velhas: um recorte de gênero, raça e classe”. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, vol. 10, n. 2, 2021.

SANTOS, N. R. P.; RABELO, D. F. “Racismo e eventos produtores de estresse: narrativas de pessoas idosas negras”. **Ciências Psicológicas**, vol 16, n. 2, 2022.

SILVA, J. A. L. *et al.* “O que atravessa uma mulher negra e idosa?” *In: MARCHI, B. F. et al. (orgs.). Temas atuais em desenvolvimento humano*. Bauru: Editora Gradus, 2022.



SILVA, J. A. L. *et al.* Investigação de racismo no discurso de crianças a partir de um jogo. **Revista Olhares**, vol. 13, n. 1, 2025.

SILVA, P. T.; HOCHDORN, A.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. “Aging in (con)text: a systematic review on how scientific discourses embed the intersectional reality of elderly”. **Humanities and Social Sciences Communications**, vol. 11, 2024.

SILVA, T. H. “Corpòrò: perspectiva africana diaspórica sobre o corpo, imagem e agência espiritual”. **Anais do XVIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: UFBA, 2022.

SOUSA, A. C. S. N. *et al.* “Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade”. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, vol. 19, n. 3, 2014.

SOUSA, N. F. S.; LIMA, M. G.; BARROS, M. B. A. “Desigualdades sociais em indicadores de envelhecimento ativo: estudo de base populacional”. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 26, n. 3, 2021.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro, ou, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

TAVARES, M. A. “Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista”. **Revista Katálisis**, vol. 23, n. 1, 2020.

VILLARRUBIA, I. R.; ROJAS, D. A. “Circunstancias situacionales en el acceso a la justicia de las mujeres víctimas de violencia doméstica”. **Estudios Socio-Jurídicos**, vol. 26, n. 1, 2024.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 22 | Nº 66 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima